

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT10.010

PLANEJAMENTO DE ACESSIBILIDADE NA AVALIAÇÃO (PAA) COMO FERRAMENTA PARA ALFABETIZAÇÃO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Patricia Cavalcante¹

Suzanli Estef²

RESUMO

O cenário educacional contemporâneo enfrenta desafios na inclusão de pessoas com deficiência no ensino regular. Políticas públicas têm buscado garantir direitos e promover participação plena, com destaque para um ensino equitativo, que não apenas ofereça oportunidades iguais, mas proporcione suporte necessário ao desenvolvimento de cada aluno. A Lei nº 13.146/2015, Estatuto da Pessoa com Deficiência, reforça a importância da acessibilidade na educação. Nesse contexto, o Planejamento de Acessibilidade na Avaliação (PAA) tem um papel essencial na implementação de práticas alfabetizadoras acessíveis, favorecendo a inclusão de todos os alunos, especialmente dos que demandam diferenciações no ensino. Este ensaio reflete sobre a importância do PAA como orientador das práticas pedagógicas no contexto da Avaliação Interativa (AVI). Com base na metodologia de pesquisa-ação, apresenta-se uma prática de alfabetização acessível realizada com um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que apresenta rigidez cognitiva em leitura

1 Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado Rio de Janeiro – ProPEd/UERJ - RJ, patyroque3905@gmail.com;

2 Professora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado Rio de Janeiro – ProPEd/UERJ - RJ, suzanli_estef@hotmail.com.

e escrita, além de hiperfoco em raciocínio lógico-matemático. O PAA guiou estratégias que consideraram esse interesse, favorecendo avanços na alfabetização. O estudo, de abordagem qualitativa, seguiu etapas presenciais conforme protocolo do PAA, com atividades planejadas e monitoradas sob a lógica da Avaliação Interativa. Nesse sentido foi possível avaliar o progresso cognitivo e socioafetivo, com maior flexibilidade cognitiva, engajamento e avanços na alfabetização. O PAA demonstrou ser uma ferramenta eficaz para a prática de uma avaliação pedagógica e ensino inclusivo. O estudo evidenciou que o PAA contribui para uma avaliação personalizada com estratégias pedagógicas para alunos com TEA, garantindo um ensino inclusivo e eficaz, respeitando os interesses e as singularidades de cada aluno.

Palavras-chave: Acessibilidade, Avaliação, Planejamento de Acessibilidade na Avaliação, Inclusão, Alfabetização.

1 INTRODUÇÃO

O avanço das políticas públicas de Educação Especial, como previsto na Constituição Federal (1988), na LDB (Lei nº 9.394/1996), na Resolução CNE/CEB nº 2/2001 e consolidado pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), reforça a necessidade de práticas pedagógicas pautadas na equidade e na acessibilidade.

Diante disso, é indispensável que os docentes sejam instrumentalizados para atuarem em contextos educacionais diversos, sob o viés da acessibilidade, com habilidades para personalizar os processos de aprendizagem de seus alunos de acordo com as suas especificidades e avaliar seu desenvolvimento de modo formativo e processual.

No contexto da Educação Inclusiva, alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), tanto no ensino comum quanto no AEE, requerem estratégias pedagógicas diferenciadas, que considerem seus estilos cognitivos, padrões de comunicação e interesses específicos.

Gikovate, Mousinho e Carvalho (2020, p.20) apontam que “o aprendizado, a motivação e o tempo de atenção melhoram de forma significativa quando o professor consegue misturar aos tópicos curriculares fatos ou dados que tenham relação com os interesses restritos” dos alunos com TEA.

Araújo et al. também aponta que

o estudante com transtorno do espectro autista é capaz de aprender, mas o faz de modo peculiar. Ele responde aos estímulos à sua volta de forma diferenciada e, por isso, frequentemente experimenta grande angústia por não ser compreendido. (Araújo et al., 2021, p.27)

Diante desse panorama, marcado por desafios e possibilidades para a efetivação da Educação Inclusiva, o Planejamento de Acessibilidade na Avaliação (PAA)³ se apresenta como um documento norteador potente

3 Para mais informações sobre Avaliação Interativa - AVI e como aplicá-la no Planejamento de Acessibilidade na Avaliação - PAA, consulte o e-book Documento norteador para

para superar práticas avaliativas excludentes, fundamentando-se nos princípios da acessibilidade e no reconhecimento das especificidades dos alunos.

Pautado na lógica da Avaliação Interativa (AVI), o Planejamento de Acessibilidade na Avaliação (PAA) orienta a ação docente ao longo de todo o processo avaliativo, favorecendo uma avaliação qualitativa e contínua, que se configura como um meio de expressão do aprendizado, e não como um fim em si mesma.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o uso do PAA como ferramenta pedagógica na alfabetização de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que apresenta rigidez cognitiva nas aprendizagens relacionadas à leitura e à escrita, além de hiperfoco em raciocínio lógico-matemático.

A experiência descrita foi desenvolvida no contexto do Atendimento Educacional Especializado (AEE), por meio de uma abordagem qualitativa, fundamentada na metodologia da pesquisa-ação.

Este relato tem por objetivo demonstrar como o Planejamento de Acessibilidade na Avaliação (PAA) pode favorecer práticas avaliativas mais acessíveis, contextualizadas e efetivas no processo de alfabetização de alunos com TEA.

2 METODOLOGIA

O presente artigo apresenta um relato de experiência de abordagem qualitativa, desenvolvido em uma escola da rede municipal de Duque de Caxias.

O objetivo deste relato é apresentar e analisar os resultados de uma proposta de alfabetização acessível realizada com um aluno autista de 7 anos, matriculado no 2º ano do ciclo de alfabetização. O aluno é oralizado e apresenta boa comunicação verbal e não verbal.

implementação do Planejamento de Acessibilidade na Avaliação - PAA: primeiros passos.
Disponível em: <https://doi.org/10.22533/at.ed.625240805>.

Além disso, com base na avaliação processual e qualitativa, busca-se fomentar espaços de reflexão entre os docentes, com o intuito de inspirar a adoção de novas práticas avaliativas e contribuir para o fortalecimento de seus processos formativos.

A experiência é ancorada nos pressupostos da pesquisa-ação, uma metodologia de investigação social fundamentada na análise de dados empíricos, que identifica problemas relevantes da realidade social investigada e propõe ações e intervenções com o objetivo de transformar o contexto analisado. (THIOLLENT, 2018)

A escolha pela metodologia da pesquisa-ação fundamenta-se na possibilidade de intervir na realidade investigada enquanto se produz conhecimento a partir dela. Essa abordagem permite que o pesquisador atue como sujeito participante, observando e ajustando o percurso avaliativo conforme os resultados que surgem na prática.

No contexto da Educação Inclusiva, tal metodologia é especialmente pertinente, pois favorece a reflexão coletiva e o replanejamento das ações pedagógicas de forma colaborativa e contínua.

A proposta surgiu da necessidade de alfabetizar um aluno autista com estratégias acessíveis, considerando como fator relevante sua rigidez cognitiva em atividades de leitura e escrita e grande interesse em propostas que envolvam o raciocínio lógico-matemático.

O estudo seguiu etapas presenciais conforme o protocolo do PAA elaborado, com atividades planejadas e monitoradas sob a lógica da Avaliação Interativa, em que as ações são desenvolvidas em um processo dinâmico, reflexivo e contínuo.

A coleta de dados foi realizada por meio de instrumentos diversificados, que, em conjunto, contribuiriam para conferir maior robustez à análise do processo avaliativo de H.

Foram utilizados, como instrumentos de coleta, a análise documental de registros pedagógicos e os registros escritos, fotográficos e portfólios do aluno, permitindo o acompanhamento qualitativo e processual de seu progresso.

Nesse contexto, foi possível avaliar os avanços cognitivos e socioafetivos do aluno, promovendo maior flexibilidade cognitiva, engajamento e avanços no processo de alfabetização.

Embora o estudo tenha se restringido a um único participante, seus resultados fornecem evidências relevantes para a replicação da prática em outros contextos educacionais. Estudos posteriores podem ampliar o escopo da aplicação do PAA, envolvendo diferentes perfis de alunos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 PERFIL DO ALUNO

H. estuda na mesma Unidade Escolar desde a Educação Infantil e possui diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), nível de suporte 1, obtido no 1º ano do Ensino Fundamental. Atualmente, recebe acompanhamento de neuropediatra e psicóloga pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

O aluno apresenta comunicação verbal e não verbal funcional, com vocabulário amplo e diversificado, demonstrando competência linguística compatível com seu nível de desenvolvimento. Observa-se, ainda, sua capacidade de compreender enunciados com linguagem figurada e expressões metafóricas, aspecto que indica avanço na habilidade de inferência de sentidos não literais.

Em relação à interação social, mantém uma relação positiva com os colegas, embora apresente alternância entre momentos de interação e distanciamento, demonstrando resistência em participar de atividades em grupo.

H. encontra-se na hipótese silábico-alfabética, etapa em que a criança percebe que as letras representam sons, mas ainda representa cada sílaba por uma letra, evidenciando a preocupação com o valor fonético na escrita. (FERREIRO, 1986).

Antes da implementação do Planejamento de Acessibilidade na Avaliação (PAA), o aluno demonstrava resistência sistemática a atividades relacionadas à leitura e à escrita, caracterizada por recusas frequentes, evitação das tarefas e expressões de frustração frente aos erros. Tal comportamento indicava não apenas uma possível rigidez cognitiva diante de processos que envolvem linguagem escrita, mas também a presença de barreiras atitudinais e metodológicas no contexto pedagógico.

Em contrapartida, observava-se um desempenho significativamente superior em situações que envolviam raciocínio lógico e linguagem simbólica.

Todas as informações acima explicitadas foram indispensáveis para a elaboração do Planejamento de Acessibilidade na Avaliação (PAA), pois permitiram compreender de forma abrangente o perfil do aluno, suas potencialidades, barreiras e formas mais eficazes de mediação pedagógica.

3.2 O QUE É O PLANEJAMENTO DE ACESSIBILIDADE NA AVALIAÇÃO (PAA)?

O Planejamento de Acessibilidade na Avaliação (PAA) é um protocolo orientador de práticas avaliativas, elaborado e validado por Estef (2024). Constitui-se como uma ferramenta relevante para a construção de processos pedagógicos acessíveis, em consonância com os fundamentos da Educação Inclusiva.

Os pressupostos do PAA se alinham ao princípio da equidade, a medida em que buscam assegurar a cada indivíduo o acesso a oportunidades educacionais compatíveis com suas necessidades, respeitando suas demandas pedagógicas, cognitivas e sociais e promovendo sua plena participação no processo de aprendizagem.

O PAA fundamenta-se na lógica da Avaliação Interativa (AVI) que, segundo Estef et al. (2025, p.17), é “um meio facilitador de compreender

e organizar a prática e comprovar a eficácia do Planejamento de Acessibilidade na Avaliação”.

A tabela abaixo apresenta os pontos fundamentais da AVI, organizados de forma a explicitar suas dimensões estruturantes: conhecimento, planificação e intervenção.

Tabela 1 – Descrição dos pontos fundamentais da AVI

AVI - Avaliação Interativa	
1. Conhecimento	
1.1 - Estudante	Descrever características pertinentes do estudante, que venha contribuir para o alcance do objetivo; Características que tenham relação ao objetivo selecionado.
1.2 - Múltiplas formas de representar (expressar) os conteúdos. Possibilidades que o aluno tem no seu processo de ensino e aprendizado.	Descrever as estratégias de ensino que serão utilizadas para apresentar os conteúdos/propostas educacionais aos estudantes. Assim como podem ser usados em seu processo avaliativo. Ex: materiais concretos, dinâmicas de grupo, músicas, vídeos, imagens, mídias diversas, jogos etc.
Planificação	
2.1 - Colaboração/ Interdisciplinaridade	Descrever como a equipe pedagógica irá colaborar com o planejamento e prática da avaliação - Trabalho Colaborativo.
Intervenção	
3.1 - Preliminar	Necessidades e potencialidades do estudante. Ex: O que ele já sabe fazer e onde precisa chegar.
3.2 - Compreensiva	Compreender e descrever qual o percurso pedagógico o aluno deverá ser direcionado ou que o próprio tenha apontado.
3.3 - Transicional	Resultados da avaliação de acordo com o objetivo traçado.

Fonte: Estef (2024)

A dimensão do conhecimento descreve o perfil do aluno para quem o documento é direcionado, seu perfil e o contexto escolar em que está inserido. Essas informações são essenciais para um planejamento assertivo, pois possibilitam a consideração de aspectos importantes para o alcance dos objetivos educacionais.

Na etapa de planificação, definem-se as estratégias adotadas pelos profissionais envolvidos, assim como as práticas avaliativas que serão aplicadas para garantir a acessibilidade do processo.

Por fim, a intervenção se organiza em três momentos: preliminar, compreensiva e transicional, cada um com objetivos e estratégias específicas, articulados para construir uma avaliação interativa.

A intervenção preliminar tem como foco identificar as necessidades e potencialidades do aluno, respondendo a perguntas como: “O que ele já sabe fazer e onde precisa chegar?”.

A fase compreensiva orienta o planejamento dos caminhos pedagógicos a serem seguidos, levando em conta tanto as atividades planejadas quanto as respostas e interações do aluno ao longo do processo.

A etapa transicional avalia os resultados da avaliação em relação aos objetivos traçados inicialmente, possibilitando a extensão do prazo de aplicação, o replanejamento ou a inclusão de novos objetivos, de modo a garantir a continuidade e o aprofundamento das aprendizagens ao longo do processo educativo.

Sendo assim, o PAA propõe, por meio de uma abordagem sistemática, reflexiva e colaborativa, a superação de práticas avaliativas excludentes e padronizadas, configurando-se como um protocolo relevante no atendimento a alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma vez que, por estarem inseridos em um espectro, apresentam perfis singulares de desenvolvimento e aprendizagem.

3.3 ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DO PAA

As atividades propostas no PAA foram planejadas partindo das estratégias de acessibilidade previstas no PEI.

Tabela 2 - Protocolo do PAA preenchido

PLANEJAMENTO DE ACESSIBILIDADE NA AVALIAÇÃO - PAA
1. Identificação do Estudante

Nome: H.N.R.

Idade: 7 anos

PLANEJAMENTO DE ACESSIBILIDADE NA AVALIAÇÃO - PAA

Ano de escolaridade: 2º ano do Ciclo de Alfabetização

Atendimento Educacional Especializado (x) SIM () Não

(x) Sala de recursos (x) Agente de apoio à inclusão

() Bidocência () Outros _____

2. Equipe Pedagógica

Professora regente, Professora AEE, Agente de Apoio à Inclusão.

3. Objetivos para avaliação

Desenvolver a consciência fonológica por meio de criptogramas criados a partir da associação de cada letra ao seu número correspondente na ordem alfabética. Avançar para a hipótese alfabética da escrita, lendo e escrevendo palavras simples.

4. Conhecimento:

4.1 - Estudante

H. tem laudo de TEA, nível 1 de suporte, apresenta resistência em participar das atividades de leitura e escrita, mas tem hiperfoco em raciocínio-lógico, desafios matemáticos e jogos de cartas como o Jogo do Pokémon. Sua escrita encontra-se na hipótese silábico-alfabética e ele apresenta recusa em utilizar o caderno. Frequenta a Sala de Recursos e tem o acompanhamento diário da Agente de Apoio à Inclusão, mas só participa de forma voluntária das propostas lúdicas e de matemática. *Atividades gamificadas* e lúdicas costumam favorecer na sua regulação emocional.

4.2 - Múltiplas formas de representar (expressar) os conteúdos (Possibilidades que o aluno tem no seu processo de ensino e aprendizado)

Jogos, lousa mágica, alfabeto móvel, criptogramas, desafios matemáticos e de cartas no site Wordwall.

5. Planificação (Colaboração - Interdisciplinaridade)

A Professora Regente e a Agente de Apoio à Inclusão irão realizar as atividades com o material físico (Cartas, lousa mágica, alfabeto móvel) e a Professora AEE irá colaborar com a apresentação de criptogramas, desafios matemáticos e de cartas no site Wordwall.

6. Intervenção

6.1 - Preliminar (Necessidades e potencialidades do estudante)

H. apresenta boa oralidade, raciocínio lógico e hiperfoco em enigmas e desafios matemáticos. Reconhece os números até 1.000, com compreensão da regularidade numérica. Nos problemas propostos, utiliza estratégias pessoais como cálculos mentais e desenhos.

Na alfabetização, apresenta rigidez cognitiva, o que vem dificultando o seu processo de alfabetização. H. reconhece todo o alfabeto, mas precisa desenvolver a consciência fonológica de todas as letras.

PLANEJAMENTO DE ACESSIBILIDADE NA AVALIAÇÃO - PAA

6.2 - Compreensiva (Percurso pedagógico)

Jogo a ser praticado 3 vezes na semana num período de 2 meses:

1. Apresentar as cartas com as letras criptografadas onde as vogais são vermelhas, as consoantes verdes e as letras k w e y estão em azul, todas com o respectivo número relacionado a ordem que ocupam no alfabeto.
2. Disponibilizar o baralho para o manuseio e familiarização com o código, possibilitando a memorização das letras/números e seus respectivos fonemas através das estratégias pessoais.
3. Propor desafios com a decifração de enigmas matemáticos usando duas cartas: uma vogal e uma consoante.
4. O aluno deve escrever qual a sílaba formada e registrar em folha disponibilizada com círculos vazios suas descobertas.
5. Após completar a ficha de registro das sílabas, fazer ligações entre os círculos para formar palavras simples.
6. A cada palavra encontrada, o aluno deve registrá-la na tabela em folha ou lousa mágica, fazendo a soma da pontuação de cada valor associado a cada letra.

Site Wordwall:

Acessar o site Wordwall no Tablet 1x por semana (frequenta dois dias) para realizar jogos de alfabetização, criptogramas de palavras e formação de palavras simples.

6.3 - Transicional (Resultados da avaliação conforme os objetivos):

O aluno participou com engajamento das atividades propostas, demonstrando preferência em realizar seus registros na lousa mágica. Encontra-se em transição para a hipótese alfabética lendo e escrevendo palavras simples com poucas intervenções da Professora/Agente.

Devido ao engajamento de H., o presente Protocolo continuará sendo aplicado, com aumento gradativo da complexidade, conforme apresentado no campo 7 (observações e apontamentos).

7. Observações / apontamentos

A atividade com cartas criptografadas será adaptada para atender ao aumento do grau de complexidade da escrita, oportunizando a formação de palavras com sílabas complexas e o avanço para a hipótese ortográfica da escrita.

Fonte: Estef (2024)

3.4 A ALFABETIZAÇÃO NO TEA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

O processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa um desafio significativo no contexto escolar. Conforme destaca Serra (2023, p. 21), a alfabetização desses alunos rara-

mente é tratada como prioridade e, em muitos casos, é percebida pelos docentes como uma tarefa inatingível.

Além disso, a simples inclusão e permanência em turmas do ensino comum não garantem, por si só, o acesso efetivo à aprendizagem, sobretudo quando as práticas alfabetizadoras se baseiam em uma lógica de padronização, desconsiderando as especificidades do neurodesenvolvimento e as singularidades dos modos de aprender desses alunos.

Conforme também aponta Serra (2023, p.20), os professores que se apropriam do argumento da alfabetização como um processo “natural e espontâneo”⁴ para respaldarem uma atuação inerte, diminuem consideravelmente a probabilidade de terem êxito em suas práticas, “uma vez que há falha em condições essenciais para apropriar-se da cultura já estabelecida: a dificuldade na interação social e na flexibilidade comportamental e intelectual” típicos do autismo.

Capellini, Shibukawa e Rinaldo (2016, p.88) destacam que “assim como a linguagem oral, o processo de alfabetização e letramento é essencial para a consolidação das relações interpessoais, especialmente para os alunos com TEA”. Tal proposição reafirma a necessidade de que os professores busquem estratégias de alfabetização acessíveis, que atendam às especificidades do alunado com TEA, contribuindo para o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas e sociais.

Nesse sentido, a experiência relatada configura-se como uma proposta significativa e potente para o processo de alfabetização de alunos autistas, especialmente por romper com práticas escolares ainda recorrentes, que tendem a restringir a participação desses alunos à dimensão da convivência, “sem que a aprendizagem formal com adaptações curriculares e a formulação de um Plano Educacional Individualizado ocupem as prioridades nos planos pedagógicos”. (SERRA, 2023, p.21)

O transtorno do espectro autista (TEA) é uma condição de neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades de comunicação, interação

4 Os adjetivos “natural e espontâneo” foram mantidos entre aspas por se tratarem de expressões utilizadas pela autora consultada (Serra, 2023).

social e presença de comportamentos, interesses ou atividades restritos e repetitivos (APA, 2022). Nesse sentido, é fundamental que as propostas planejadas para o aprendizado desses alunos considerem suas especificidades e estilo de aprendizado.

Nesse viés, o PAA foi elaborado pensando nas peculiaridades de H., que apresentava resistência em participar das atividades de leitura e escrita, com preferência em desafios matemáticos e jogos de cartas como o Jogo do Pokémon. Sua escrita encontrava-se na hipótese silábico-alfabética e ele apresentava recusa em utilizar o caderno.

Diante disso, foi planejado e elaborado um baralho de cartas criptografadas, confeccionado com recursos de baixa tecnologia, como EVA, papel A4 e caneta permanente. As cartas apresentavam as letras do alfabeto numeradas de 1 a 26, respectivamente, conforme ilustrado na figura 1.

Também foi planejada uma tabela para registro das palavras criadas, pontuação obtida e identificação das palavras mais e menos “poderosas”, conforme a soma dos números que compõem sua escrita. Na Figura 2, observa-se o modelo de tabela utilizado para essa atividade.

O contato inicial com a atividade foi bastante desafiador, pois sendo uma novidade que o aluno ainda não dominava, gerava episódios de desregulação emocional. Nesses momentos, o acolhimento da professora e do grupo fizeram toda a diferença para a sua regulação.

Com o passar dos dias, o aluno passou a mostrar entusiasmo com a proposta, memorizando rapidamente os códigos alfanuméricos da criptografia. Ao observar sua estratégia de memorização, foi percebido que ele realizava contagens em ordem crescente e decrescente partindo de letras que memorizou mais rápido.

H. também demonstrava frustração sempre que não conseguia acertar a palavra na primeira tentativa. Considerando, entretanto, que os erros e as dúvidas podem constituir “episódios altamente significativos e impulsionadores de ação educativa” (Hoffman, 2011, p. 18), passou-se a orientá-lo na busca ativa pela solução, incentivando inclusive a interação com os colegas como estratégia para alcançar o objetivo proposto.

Os registros inicialmente eram feitos em “lousa mágica” infantil, mas depois de alguns dias, H. passou a aceitar a realização das atividades em folhas e no caderno. A resistência com a alfabetização deu lugar ao desejo de participar e de auxiliar seus colegas e a atividade foi incorporada como estratégia semanal.

A implementação iniciou em meados de abril/24 e até o fim do 2º bimestre, quando se iniciou o período de recesso escolar, o aluno ampliou sua consciência fonológica, conseguindo escrever e ler um quantitativo maior de palavras simples.

No âmbito da Avaliação Interativa (AVI), caracterizada pela constante e reflexiva interlocução entre aluno e docente em todas as etapas do processo pedagógico, a seleção do campo semântico, bem como as variações das atividades, eram definidas a partir dos interesses e sugestões do próprio aluno.

As interações propostas favoreceram o protagonismo do aluno na construção do conhecimento, despertando seu interesse e ampliando sua interação com os colegas, à medida que passou a reconhecer como suas contribuições poderiam colaborar significativamente para a aprendizagem dos demais integrantes da turma.

Sempre que a atividade com códigos alfanuméricos aparecia no rol de tarefas do dia, o aluno demonstrava maior flexibilidade cognitiva para participar do dia letivo. Sua interação social e afetividade também foram importantes conquistas para os seus avanços cognitivos e socioafetivos.

É fato, como afirmam (SCAMATI; CANTORANI; PICININ, 2025, p. 16), “que não há um padrão metodológico que atenda a todos os casos, pois a variabilidade das características individuais ao longo do espectro é um fato e não pode ser negligenciado”. Ainda assim, torna-se extremamente relevante e um compromisso ético com a inclusão de alunos com TEA o compartilhamento de abordagens bem-sucedidas, capazes de inspirar práticas pedagógicas acessíveis.

A experiência relatada mostra a importância da afetividade, da elaboração de um PEI com estratégias consistentes e de processos avaliativos

qualitativos e acessíveis, que considerem as especificidades do aluno e norteie seu percurso pedagógico.

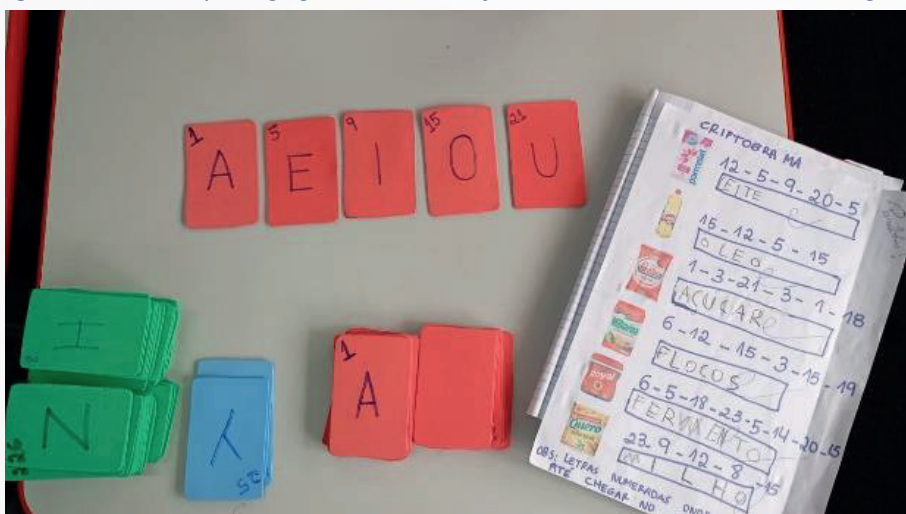
Nesse sentido, Mascaro (2024, p.4) corrobora essa perspectiva ao afirmar que

é preciso pensar nas estratégias avaliativas acessíveis que permitam acompanhar e impulsionar o progresso do estudante, isto é, o aluno precisa ser avaliado na perspectiva de uma avaliação mediadora, na qual o professor reflita sobre as melhores estratégias para promoção da aprendizagem.

Dessa forma, estaremos atuando verdadeiramente numa perspectiva inclusiva, onde todos os alunos podem aprender desde que sejam oferecidas diferentes estratégias de aprendizagem.

3.5 RECURSOS PEDAGÓGICOS UTILIZADOS

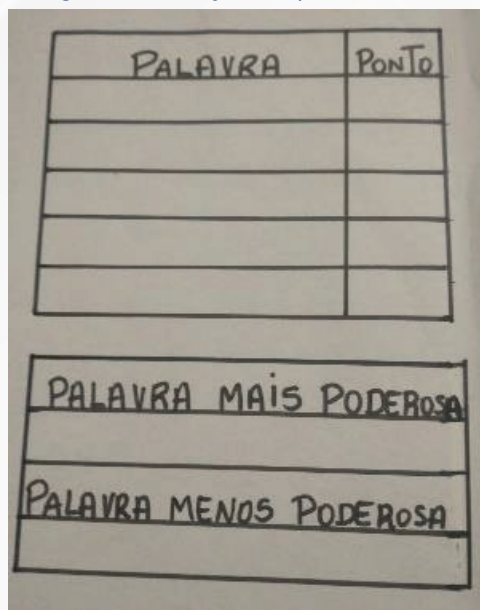
Fig. 1 – Atividade pedagógica de associação entre letras, números e imagens.



Sobre uma mesa, há cartas vermelhas com vogais (A, E, I, O, U), cada uma acompanhada de um número. À esquerda, pilhas de cartas verdes, azuis e vermelhas. À direita, uma folha com o título “Criptograma”, contendo palavras codificadas com números e ilustrações de alimentos. A proposta trabalha leitura, consciência fonológica e correspondência letra-som de forma lúdica e visual.

Fonte: arquivo pessoal da autora (2024).

Fig. 2 – Jogo de formação de palavras com sílabas.



PALAVRA	PONTO

PALAVRA MAIS PODEROSA
PALAVRA MENOS PODEROSA

Tabela para registrar palavras criadas, pontos e identificar a palavra mais e menos poderosa. Estimula consciência fonológica e vocabulário.

Fonte: arquivo pessoal da autora (2024).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência apresentada neste trabalho demonstrou que o Planejamento de Acessibilidade na Avaliação (PAA), orientado pela lógica da Avaliação Interativa (AVI), constitui-se como uma ferramenta potente para nortear propostas de alfabetização acessíveis a alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O uso do baralho criptografado revelou-se eficaz não apenas por sua função lúdica, mas também por possibilitar que o aluno construísse palavras a partir de pistas visuais e numéricas, mobilizando o raciocínio lógico.

Além disso, constatou-se que a resistência inicial pode ser ressignificada quando o processo pedagógico promove oportunidades reais de participação. A mediação docente, ao reconhecer e responder às necessidades específicas do aluno, favorece o engajamento e a construção de

sentido, sobretudo quando incentiva o protagonismo nas atividades propostas.

Quando o processo avaliativo é planejado considerando as demandas específicas dos alunos, ele transcende sua função tradicional de mensuração de resultados e assume o papel de dispositivo de inclusão.

Nessa perspectiva, o Planejamento de Acessibilidade na Avaliação (PAA), ao ser incorporado de forma intencional e sistemática à prática docente, não apenas amplia as possibilidades de acesso ao currículo, mas também tensiona os paradigmas avaliativos tradicionais.

Os resultados alcançados com o uso do PAA evidenciam a importância de práticas avaliativas mais sensíveis às singularidades dos alunos, permitindo não apenas um acompanhamento da aprendizagem, mas também o replanejamento das ações ao longo do percurso avaliativo.

Dessa forma, o PAA configura-se como um instrumento transformador que, ao articular acessibilidade e avaliação formativa, potencializa a efetivação de uma educação inclusiva centrada no desenvolvimento pleno de cada aluno.

Nesse sentido, o relato apresentado busca evidenciar caminhos possíveis para práticas alfabetizadoras mais inclusivas, capazes de inspirar futuras aplicações em distintos contextos educacionais.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, Daniele Francisco de; OLIVEIRA, Mariana Corrêa Pitanga de; MOREIRA, Saionara Corina Pussenti Coelho; TEIXEIRA, Moisés Pires. Transtorno do Espectro Autista. In: PLETSCHE, Márcia Denise et al. (org.). *Acessibilidade e desenho universal na aprendizagem*. Campos dos Goytacazes, RJ: Encontrografia, 2021. p. 25-32. DOI: 10.52695/978-65-88977-32-3.

CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho; SHIBUKAWA, Priscila Hikaru; RINALDO, Simone Catarina de Oliveira. Práticas pedagógicas colaborativas na alfabetiza-

ção do aluno com Transtorno do Espectro Autista. *Colloquium Humanarum*, Presidente Prudente, v. 13, n. 2, p. 87-94, abr./jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5747/ch.2016.v13.n2.h256>.

ESTEF, Suzanli; REDIG, Annie. *Documento norteador para implementação do Planejamento de Acessibilidade na Avaliação – PAA: primeiros passos*. Ponta Grossa – PR: Atena, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.625240805>.

GIKOVATE, Carla; MOUSINHO, Renata; CARVALHO, Isamara. Transtorno do Espectro do Autismo: compreendendo para melhor incluir. In: GIKOVATE, Carla et al. (org.).

Autismo: caminhos para a inclusão. Bogotá: IbërAM, Corporación Universitaria Iberoamericana, 2020. Cap. 1, p. 7-18.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação: mito e desafio – uma perspectiva construtivista*. 41. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

MASCARO, Cristina Angélica Aquino de Carvalho; REDIG, Annie Gomes. *Documento norteador para implementação do Plano Educacional Individualizado – PEI para o alfabetamento: primeiros passos*. Ponta Grossa, PR: Atena, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22533/at.ed.083242805>. Acesso em: 3 ago. 2025. ISBN 978-65-258-2508-3.

SCAMATI, Vagner; CANTORANI, José Roberto Herrera; PICININ, Claudia Tania. Os desafios na aprendizagem de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 126, p. e0254453, mar. 2025. DOI: 10.1590/S0104-40362025003304453

SERRA, Dayse. *Alfabetização de alunos com TEA*. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2023. v. 1.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2018. 136 p. ISBN 978-85-249-1716-5.